

## Capacitismo entre professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: aplicação da Escala de Atitudes de Educadores em Relação à Deficiência

### Resumo

Este estudo buscou identificar atitudes capacitistas de professores da Rede Municipal de Florianópolis em relação a estudantes com deficiência. A pesquisa teve abordagem quantitativa e natureza aplicada, tendo sido realizada *in loco* com os professores do ensino fundamental. A coleta de dados foi realizada utilizando a Escala de Atitudes dos Educadores em Relação à Deficiência, que foi traduzida para o português e submetida à análise de conteúdo por especialistas das áreas de Educação Especial e Psicologia. Para a análise das respostas dos professores, foram utilizadas ferramentas estatísticas que possibilitaram resumir as respostas e avaliar a confiabilidade e validade do constructo do instrumento. O instrumento mostrou níveis adequados de confiabilidade. Na etapa de validação do constructo, a análise fatorial exploratória indicou que o instrumento permite identificar atitudes capacitistas relacionadas a três dimensões: percepções e atitudes dos profissionais; sentimentos experienciados por eles; e tempo e recursos dedicados aos estudantes da educação especial. Uma parcela significativa dos entrevistados ainda demonstra desconforto, nervosismo e apreensão ao compartilhar espaços com esses estudantes, além de preocupação com a demanda de tempo dedicado ao atendimento desses estudantes. Mesmo com essas atitudes capacitistas presentes, a grande maioria dos profissionais reconhece a importância da inclusão e acredita ser sua responsabilidade ensinar estudantes com deficiência.

**Palavras-chave:** capacitismo; preconceito; escala de atitudes; Rede Municipal de Florianópolis.

### Para citar este artigo:

RONSANI, Vera Lucia Rezende Beux; ZANELLA, Andreia; KONRATH, Andréa Cristina. Capacitismo entre professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis: aplicação da Escala de Atitudes de Educadores em Relação à Deficiência. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 26, n. 62, p. 246-275, set./dez. 2025.

**DOI:** 10.5965/1984723826622025246

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723826622025246>

**Vera Lucia Rezende Beux Ronsani**

Prefeitura Municipal de  
Florianópolis – PMF –  
Florianópolis/SC – Brasil  
vera.ronsani@prof.pmf.sc.gov.br

**Andreia Zanella**

Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC – Florianópolis/SC –  
Brasil  
andreia.zanella@ufsc.br

**Andréa Cristina Konrath**

Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC – Florianópolis/SC –  
Brasil  
andrea.ck@ufsc.br

## Ableism among Teachers in the Municipal School Network of Florianópolis: application of the Educators' Attitudes Toward Disability Scale

### Abstract

This study aimed to identify ableist attitudes among teachers in the Municipal School Network of Florianópolis toward students with disabilities. It employed a quantitative, applied research design and was conducted in person with elementary school teachers. Data were collected using the Educators' Attitudes Toward Disability Scale, which was translated into Portuguese and subjected to content validation by experts in Special Education and Psychology. Statistical procedures were applied to summarize the teachers' responses and to assess the instrument's reliability and construct validity. The instrument demonstrated satisfactory reliability. In the construct validation stage, exploratory factor analysis indicated that the scale captures ableist attitudes across three dimensions: educators' perceptions and attitudes, the emotions they experience, and the time and resources devoted to students receiving special education services. A substantial proportion of participants reported discomfort, nervousness, and apprehension when sharing spaces with these students, as well as concerns about the additional time required to support them. Despite the persistence of ableist attitudes, the vast majority of teachers acknowledged the importance of inclusion and affirmed their responsibility to teach students with disabilities.

**Keywords:** ableism; prejudice; attitude scale; Florianópolis Municipal Education Network.

## Capacitismo entre docentes de la Red Municipal de Enseñanza de Florianópolis: aplicación de la Escala de Actitudes de Educadores hacia la Discapacidad

### Resumen

Este estudio buscó identificar actitudes capacitistas de los profesores de la Red Municipal de Florianópolis. La investigación adoptó un enfoque cuantitativo y de carácter aplicado, realizada de manera presencial con profesores de la enseñanza primaria. La recolección de datos se llevó a cabo utilizando la Escala de Actitudes de los Educadores hacia la Discapacidad, la cual fue traducida al portugués y sometida a un análisis de contenido por especialistas en Educación Especial y Psicología. Para el análisis de las respuestas docentes se emplearon procedimientos estadísticos que permitieron resumir las respuestas y evaluar la fiabilidad y la validez de constructo del instrumento. El instrumento mostró niveles adecuados de fiabilidad. En la etapa de validación de constructo, el análisis factorial exploratorio indicó que la escala permite identificar actitudes capacitistas relacionadas con tres dimensiones: percepciones y actitudes de los profesionales; emociones experimentadas por ellos; y tiempo y recursos dedicados a los estudiantes de educación especial. Una proporción significativa de los participantes manifestó incomodidad, nerviosismo y aprensión al compartir espacios con estos estudiantes, además de preocupación por el tiempo adicional requerido para su atención. A pesar de la presencia de estas actitudes capacitistas, la gran mayoría de los profesionales reconoce la importancia de la inclusión y considera que es su responsabilidad enseñar a los estudiantes con discapacidad.

**Palabras clave:** capacitismo; prejuicio; escala de actitudes; Red Municipal de Enseñanza de Florianópolis.

## 1 Introdução

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Brasil deu um passo crucial ao assegurar que todas as crianças tenham acesso à educação (Brasil, 1988). Desde então, o entendimento sobre a inclusão de estudantes com deficiência tem evoluído significativamente, promovendo uma abordagem que visa garantir não apenas o acesso em escolas regulares, mas também a participação plena desses estudantes e a qualidade educacional.

Dados do Censo Escolar de 2022, publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022), mostram que o número de matrículas na educação especial, tanto em classes comuns quanto em classes especiais, tem crescido nos últimos anos. O número de matrículas chegou a 1,5 milhão em 2022, um aumento de 29,3% em relação a 2018. Considerando apenas a faixa etária de 4 a 17 anos, o percentual de matrículas de alunos incluídos em classes comuns passou de 92% em 2018 para 94,2% em 2022.

Esses dados indicam uma evolução no acesso às matrículas em classes comuns no Brasil. Contudo, a atenção agora se volta para a garantia de um atendimento adequado a esses estudantes. Pesquisas recentes têm se concentrado em investigar a inclusão, os preconceitos que ainda persistem e a adequação dos ambientes escolares, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam a equidade e a valorização da diversidade.

A inclusão efetiva de estudantes com deficiência apresenta desafios significativos, como a falta de formação específica para os educadores, que muitas vezes não estão preparados para lidar com as diversidades presentes na sala de aula; a escassez de recursos e materiais didáticos adequados; e a presença de atitudes discriminatórias (Duarte *et al.*, 2013; Pinheiro; Valente, 2024). A discriminação ou o preconceito em relação às pessoas com deficiência representa uma barreira importante no processo de inclusão desses estudantes. Esse tipo de preconceito, denominado *ableism* na língua inglesa, passou a ser designado como “capacitismo” no Brasil, conforme proposto por Mello (2016).

Os professores, como mediadores do conhecimento e da socialização, desempenham um papel central nesse processo, podendo atuar como agentes de inclusão ou, inadvertidamente, perpetuar a exclusão. Assim, entender e identificar atitudes capacitistas no ambiente escolar é um passo essencial para garantir que as escolas realmente ofereçam um espaço inclusivo. Atitudes positivas promovem oportunidades mais justas para pessoas com deficiência, enquanto atitudes negativas podem resultar em discriminação e em barreiras para a plena participação desses estudantes no ambiente escolar. Portanto, é essencial superar essas barreiras atitudinais para garantir a inclusão efetiva nas escolas e na comunidade (Freer, 2018).

Considerando que o capacitismo se refere ao preconceito contra pessoas com deficiência, baseado em concepções sobre capacidades limitadas em função de sua condição, o que contraria os princípios da inclusão, levantou-se a seguinte questão: é possível identificar atitudes capacitistas entre professores nas escolas municipais de Florianópolis?

## 1.1 Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a manifestação de atitudes capacitistas por parte dos professores da Rede Municipal de Florianópolis (RMF). Para isso, os objetivos específicos são: (1) identificar e analisar os principais instrumentos utilizados na literatura para medir de atitudes capacitistas; (2) adaptar o instrumento selecionado para o contexto da pesquisa e avaliar sua validade de conteúdo; (3) aplicar o instrumento junto aos professores da RMF; (4) avaliar a qualidade do instrumento quanto à confiabilidade e à validade do constructo; e (5) descrever e analisar as atitudes capacitistas identificadas nas respostas dos professores.

## 1.2 Justificativa

O presente estudo se justifica pela importância de compreender como as atitudes dos professores podem impactar a inclusão de estudantes com deficiência na RMF. Apesar do crescimento no acesso a matrículas em classes comuns, mostrado pelo Censo

Escolar 2022 (INEP, 2022), a efetiva inclusão depende de práticas pedagógicas e posturas docentes que promovam a participação plena desses estudantes, respeitando suas potencialidades e necessidades. Investigar atitudes capacitistas permite identificar barreiras atitudinais que ainda persistem e, conseqüentemente, subsidiar gestores na elaboração e implementação de ações de formação e de intervenções pedagógicas voltadas à construção de espaços inclusivos.

## 2 Metodologia

A presente pesquisa é de natureza aplicada, realizada *in loco* com professores da rede municipal de ensino de Florianópolis. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo quantitativo, baseado na aplicação e validação de um questionário estruturado, com questões fechadas, mensuradas em uma escala de concordância de seis pontos, e analisado com técnicas estatísticas voltadas à avaliação da confiabilidade, da validade de construto e das respostas dos professores. Quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritivo, por buscar analisar e caracterizar as atitudes capacitistas dos professores, e também exploratório, dado que o uso da escala nesse contexto específico ainda é incipiente na literatura nacional.

As subseções a seguir apresentam de forma detalhada as etapas que nortearam o desenvolvimento da pesquisa.

### 2.1 Busca na literatura por instrumentos capazes de identificar atitudes capacitistas

A primeira etapa da pesquisa envolveu a busca e análise de documentos encontrados na literatura que abordam a identificação de atitudes capacitistas empregadas às pessoas com deficiências, especialmente no ambiente educacional. A estratégia de busca elaborada utilizou a sentença de pesquisa: ((attitudes) AND (disabilities OR disabled) AND (scale OR questionnaire) AND (education OR educational) AND (ableism OR prejudice)). Essa pesquisa foi realizada nas bases de dados Scopus, Web of Science, Scielo e Ebsco. Foram selecionados artigos científicos publicados entre 2000 e 2022. Como resultado, foram encontrados 184 artigos, após o processo de exclusão dos

duplicados, obteve-se um total de 107 artigos. Posterior à leitura do resumo e das palavras-chave de cada documento, constatou-se que parte deles não eram condizentes com a linha de pesquisa, ou não apresentavam instrumentos de aferição de atitudes das pessoas sem deficiência em relação às pessoas com deficiências, sendo assim descartados. Por fim, foram selecionados 15 documentos, os quais passaram a fazer parte do portfólio bibliográfico. Os documentos foram analisados na íntegra e as principais informações foram compiladas. Os resultados dessa etapa são apresentados na subseção 3.1.

## 2.2 Tradução do instrumento e avaliação por especialistas

A segunda etapa contemplou a tradução do instrumento do inglês para o português e a análise das evidências de validade de conteúdo. A avaliação da validade de conteúdo do instrumento contou com a contribuição de quatro especialistas, as quais são pesquisadoras do tema inclusão e capacitismo e também possuem experiência prática de trabalho com estudantes da educação especial, conforme detalhado no Quadro 2. Foi solicitado que julgassem o nível de clareza, a adequação de cada item e a sua importância para o instrumento. Houve também espaço para sugestões e comentários. Os principais ajustes solicitados pelas especialistas são apresentados nos Resultados e Discussões (subseção 3.2.1).

Quadro 2 - Perfil das especialistas participantes da validação de conteúdo

Especialistas	Formação Acadêmica	Experiência Profissional	Área de Atuação Principal
Especialista 1	Doutora em Psicologia; Especialista em Educação Inclusiva	Docente efetiva de Educação Especial no Colégio de Aplicação/UFSC	Atendimento Educacional Especializado
Especialista 2	Doutora em Educação; Especialista em Educação Especial e Inclusiva	Professora colaboradora na UDESC; tutora em curso de especialização em Educação Inclusiva	Educação Especial e Inclusiva
Especialista 3	Doutora em Psicologia	Psicóloga no NUAPE/FAED-UDESC; psicoterapeuta clínica de abordagem psicodinâmica	Inclusão, deficiência visual, psicologia clínica e psicanálise

Especialista 4	Doutora em Educação; Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial	Docente no Instituto Federal Catarinense – Campus Rio do Sul (IFC-Rio do Sul)	Educação Especial no Ensino Médio e Superior
----------------	--	---	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Feitos os ajustes no instrumento a partir das contribuições das especialistas, o questionário e o projeto de pesquisa foram submetidos ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (parecer nº 6.073.687) e à Gerência de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, tendo obtido parecer favorável.

### 2.3 Aplicação do questionário

A terceira etapa envolveu a aplicação do questionário, o qual foi implementado utilizando a ferramenta Google Forms. O processo de envio aos professores contou com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, que encaminhou o questionário às 29 unidades educativas da rede. Em seguida, coube aos gestores escolares distribuir o questionário aos professores participantes por e-mail. O público-alvo da presente pesquisa foram todos os 1.677 professores efetivos e contratados que atuam no Ensino Fundamental da RMF. Desse total, 205 professores responderam ao questionário proposto. A disponibilidade para o recebimento das respostas foi de julho a setembro de 2023.

### 2.4 Técnicas de análise dos dados

A última etapa da pesquisa envolveu a análise dos dados coletados. Com base nas respostas dos professores aos itens do instrumento de pesquisa, foram realizadas as análises descritivas das respostas e a avaliação da confiabilidade e da validade de constructo do instrumento. A confiabilidade indica o quão consistente é o instrumento, ou seja, o grau com que ele produz resultados estáveis e consistentes. Já as evidências de validade de constructo dizem respeito à capacidade do instrumento de medir aquilo que se propõe a medir (Hair Jr. et al. 2009, p. 13).



Para a análise de confiabilidade, foram calculados os coeficientes alfa de Cronbach e ômega de McDonald. Para o alfa de Cronbach, o limite inferior de aceitabilidade desse coeficiente é de 0,70 (Hair Jr. *et al.* 2009), sendo que quanto mais próximo de 1, melhor o instrumento está avaliando o traço latente (Pestana *et al.* 2008). De modo similar, valores entre 0,70 e 0,90 para o coeficiente Ômega de McDonald indicam uma confiabilidade adequada do instrumento (Campo-Arias; Oviedo, 2008), sendo que quanto mais próximo de 1, melhor.

Para verificar as evidências de validade de constructo do instrumento, foi aplicada a análise fatorial exploratória (AFE), a qual permite investigar a estrutura das intercorrelações entre os itens do instrumento (Hair Jr. *et al.* 2009, p. 100). Um dos pressupostos básicos à aplicação da AFE é a existência de correlações significativas entre os itens, que pode ser avaliada pela medida de adequação da amostra (MAS). Valores superiores a 0,7 indicam que os dados são adequados para a aplicação da análise fatorial (Hair Jr. *et al.* 2009, p. 110).

Para apoiar a decisão quanto ao número de fatores a serem retidos na análise fatorial, foi utilizado o procedimento da Análise Paralela. Esse procedimento envolve a comparação dos autovalores obtidos na análise fatorial de um conjunto de dados reais com os autovalores obtidos em análises fatoriais de conjuntos de dados simulados. Como critério, adota-se que os fatores a serem retidos na análise são aqueles em que os autovalores dos dados reais devem ser claramente superiores aos autovalores obtidos aleatoriamente (Ledesma; Valero-Mora, 2007).

### 3 Resultados e discussões

#### 3.1 Análise dos instrumentos identificados na literatura

O Quadro 1 resume os documentos identificados na busca na literatura contemplando informações relacionadas ao nome dos autores, ao ano de publicação, ao país onde foi realizado o estudo, aos objetivos e à escala utilizada para a análise de atitudes preconceituosas em relação às pessoas com deficiência.



Quadro 1 – Principais informações dos artigos identificados da busca na literatura

Artigo	País do estudo	Objetivos	Instrumento
Akrami <i>et al.</i> (2006)	Suécia	Investigar atitudes que expressam preconceito em relação às pessoas com deficiência intelectual.	Escala de Preconceitos Moderno e Clássico, composta por 19 itens, com respostas em uma escala de concordância de 4 pontos.
Damianidou e Phtiaka (2017)	Chipre	Explorar as atitudes e práticas dos professores do ensino secundário e as consequentes implicações para o futuro dos estudantes com deficiência.	Instrumento completo não disponibilizado.
Freer (2018)	Canadá	Mensurar as atitudes dos professores do ensino superior em relação às pessoas com deficiência, no contexto social.	Escala de Atitudes dos Educadores em Relação à Deficiência, composta por 21 itens, com respostas de medidas em uma escala de 6 pontos.
Friedman (2018)	Estados Unidos	Explorar as relações entre irmãos de pessoas com deficiência.	Instrumento completo não disponibilizado.
Friedman e Awsumb (2019)	Estados Unidos	Validar uma versão da Escala de Responsividade Social adaptada para deficiência: a Escala de Capacitismo Simbólico, utilizada para examinar preconceito sutil em relação às deficiências.	Escala de Capacitismo Simbólico. Instrumento composto por 13 itens, com respostas medidas em uma escala de concordância de 7 pontos.
Fuentes <i>et al.</i> (2021)	Espanha	Estudar as relações atitudinais envolvendo professores e estudantes com deficiência física e sensorial no ensino superior na América Latina.	Escala de Atitudes em relação à Deficiência no Ensino Superior. Composto por 31 itens, com escala de concordância de 6 pontos.
Ison <i>et al.</i> (2010)	Austrália	Avaliar um programa de conscientização sobre deficiência para estudantes de 9 a 11 anos.	Questionário completo não disponibilizado.
Keith, Bennetto e Rogge (2015)	Estados Unidos	Investigar o impacto das atitudes explícitas e implícitas de estudantes com deficiência intelectual em relação àqueles sem deficiência.	Instrumento completo não disponibilizado.
Krischler e Cate (2018)	Luxemburgo	Investigar as atitudes dos adultos luxemburgueses em relação aos estudantes com deficiência e à sua inclusão nas escolas regulares.	Instrumento completo não disponibilizado.
Kovačević e Radovanovic, (2020)	Sérvia	Investigar as atitudes dos estudantes típicos em relação aos colegas com deficiência na educação	Instrumento completo não disponibilizado.

		inclusiva.	
Marcone et al. (2019)	Itália	Investigar as características psicométricas da Escala de Preconceitos Moderno e Clássico Italiano para pessoas com deficiência intelectual.	Escala de Preconceitos Moderno e Clássico Italiano. Desenvolvida com base na Escala de Akrami et al. (2006). Possui 19 itens e uma escala de 4 pontos.
Palad et al. (2016)	Filipinas	Sintetizar informações publicadas, incluindo evidências sobre propriedades psicométricas em instrumentos que medem atitudes em relação à deficiência.	Não se aplica.
Scior et al. (2010)	China	Investigar as atitudes em relação às pessoas com deficiência intelectual entre a população geral chinesa de Hong Kong.	Instrumento completo não disponibilizado.
Thomas e Rose (2019)	Reino Unido	Investigar a relação entre as atitudes dos estudantes em relação às pessoas com deficiência intelectual e o contato com colegas que possuem essa condição.	Instrumento completo não disponibilizado.
Navarro et al. (2019)	Espanha	Analisar o poder preditivo de variáveis sociodemográficas nas atitudes, sentimentos e preocupações dos professores sobre a inclusão.	Instrumento completo não disponibilizado.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O objetivo dessa etapa foi analisar se os documentos poderiam servir de referência para o instrumento a ser aplicado junto aos professores da RMF. Observou-se que os instrumentos utilizados por Akrami et al. (2006) na Suécia, Freer (2018) no Canadá e Friedman e Awsumb (2019) nos Estados Unidos, são os mais alinhados com a investigação proposta neste artigo por possuírem objetivos semelhantes e também por disponibilizarem a versão completa do instrumento utilizado em suas pesquisas. Por essa razão, esses três documentos serão apresentados com mais detalhe a seguir.

O estudo apresentado por Akrami et al. (2006) investigou se os estudantes universitários de Uppsala, na Suécia, apresentam atitudes capacitistas em relação às pessoas com deficiência intelectual (DI). O instrumento foi caracterizado por uma estrutura de dois fatores correlacionados, sendo que um deles foi descrito como atitudes capacitistas “Modernas” e o outro como “Clássicas”. Para os autores, existe uma grande

tendência de as pessoas buscarem se apresentar como politicamente corretas, evitando expor seu preconceito abertamente. Nesse sentido, a escala foi capaz de captar tanto as atitudes clássicas quanto as modernas. As atitudes clássicas são aquelas em que o indivíduo está consciente e expressa seu preconceito de forma deliberada. Já as atitudes modernas podem ser classificadas como implícitas, são sutis e muitas vezes se apresentam de forma inconsciente, ou mesmo consciente, têm a pretensão de manter-se veladas, pois podem ser mal vistas pela sociedade.

Na pesquisa conduzida por Freer (2018), são apresentadas importantes contribuições para a avaliação das atitudes dos professores em relação aos estudantes com deficiência no ensino superior da cidade de Ontário, no Canadá. O instrumento utilizado foi adaptado da “Escala de Atitudes dos Assistentes Sociais em relação à Deficiência”. A adaptação se mostrou adequada para a investigação no campo educacional. Aplicada a Análise Fatorial Confirmatória, demonstrou que a escala desenvolvida é um instrumento unidimensional, no qual todos os itens estão correlacionados e são importantes para medir um único constructo. Para o autor, com a coleta de dados e a determinação das pontuações de atitude dos educadores é possível desenvolver intervenções em relação às atitudes negativas, criar ambientes de aprendizagem mais equitativos e impactar as práticas de ensino.

Na investigação conduzida por Friedman e Awsumb (2019), um instrumento de pesquisa foi desenvolvido para examinar preconceito sutil em relação às pessoas com deficiência na sociedade, utilizando como base a “Escala de Racismo Simbólico”, inicialmente utilizada nos Estados Unidos para avaliar preconceitos raciais implícitos. Para o instrumento adaptado, foram removidos fatores específicos de raça e foi focado em atitudes relacionadas à deficiência. A análise dos dados revelou que os itens desse instrumento investigam fatores relacionados ao capacitismo abrangendo quatro dimensões: individualismo; reconhecimento da discriminação contínua; empatia pelas pessoas com deficiência e exigências excessivas.

Embora apresentem abordagens diferentes, foi possível observar semelhanças entre os três instrumentos apresentados, sendo que todos possibilitam identificar “atitudes capacitistas” em relação às pessoas com deficiência. O primeiro busca medir atitudes de estudantes universitários em relação às pessoas com deficiência intelectual. O

segundo instrumento mede atitudes dos professores em relação aos estudantes com deficiência. Já o terceiro se caracteriza pela identificação de atitudes implícitas em relação ao público com deficiência intelectual.

Os itens selecionados para servir como base para o instrumento da presente pesquisa foram elencados a partir do estudo desenvolvido por Freer (2018). Essa escolha está atrelada ao fato desse instrumento ter sido proposto especificamente para identificar atitudes dos professores em relação aos estudantes com deficiência, alinhado ao que se pretende investigar na presente análise. Esses itens foram traduzidos e submetidos à análise das especialistas, cujos resultados são apresentados na seção 3.2.1.

## 3.2 Análise dos resultados da aplicação do questionário

### 3.2.1 Avaliação da validade de conteúdo e adaptação da escala

As especialistas sugeriram edições em alguns itens que julgaram não estar suficientemente claros ou adequados. Na maioria dos casos, foram edições de redação para adequar ao contexto brasileiro, já que se trata de uma tradução do inglês para o português. Apenas uma questão (item 12) teve mudança substancial que altera o significado do item em relação ao original proposto por Freer (2018). O item 12, na escala traduzida para o português, questionava se os professores sentiam empatia pelos seus estudantes com deficiência. Conforme apontamento de uma das especialistas, “a empatia é a capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente. Não há como ter empatia com relação a sentimentos e vivências próprias e singulares da deficiência”, portanto, esse item foi editado e passou a questionar se os professores buscam compreender os estudantes com deficiência.

Alguns itens foram considerados parecidos e foi sugerido que fossem agrupados, por exemplo: “Defendo adaptações para estudantes com deficiência” e “Não hesito em fazer adaptações para meus estudantes com deficiência”. No entanto, observa-se que, apesar de serem itens correlacionados, investigam aspectos diferentes (defender adaptações e fazer adaptações). De acordo com Hair Jr. et al. (2019), cada item deve investigar apenas um aspecto. Dessa forma, optou-se por manter as questões separadamente, tal como proposto no instrumento original.

A partir das sugestões e contribuições das especialistas, o questionário chegou à sua versão final, conforme apresentado no Quadro 3. Trata-se de um instrumento estruturado, composto por 21 questões fechadas. As opções de resposta seguem uma escala de concordância de 6 pontos, variando de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”.

Quadro 3 – Versão final do questionário

Item 1. É responsabilidade de todos(as) os(as) professores(as) ensinar estudantes com deficiência.
Item 2. A educação dos estudantes com deficiência os ajuda a atingir seu máximo potencial.
Item 3. Tenho respeito pelos meus estudantes com deficiência.
Item 4. Posso aprender muito com os meus estudantes com deficiência.
Item 5. Ensinar estudantes com deficiência desprende uma quantidade desigual de tempo que eu poderia utilizar para ajudar outros estudantes.
Item 6. Compreender meus estudantes com deficiência é, ou será, muito importante para mim como educador(a).
Item 7. Meu trabalho com estudantes com deficiência é injusto com meus outros estudantes, pois ele requer tempo e recursos adicionais.
Item 8. Quando um estudante com deficiência está na minha sala de aula, fico apreensivo(a).
Item 9. Frequentemente me sinto incomodado(a) quando preciso fazer adaptações demoradas para estudantes com deficiência.
Item 10. Sinto-me desconfortável em me comunicar com estudantes com deficiência.
Item 11. Defendo adaptações para estudantes com deficiência, quando necessárias.
Item 12. Busco compreender os meus estudantes com deficiência.
Item 13. Sinto-me nervoso(a) quando ensino estudantes com deficiência.
Item 14. Quando tenho a oportunidade de trabalhar com estudantes com deficiência, sinto-me otimista de poder oferecer uma educação significativa.
Item 15. Defendo que meus estudantes com deficiência sejam incluídos em sala de aula.
Item 16. Não hesito em fazer adaptações para meus estudantes com deficiência que precisam delas.
Item 17. Recebo de modo acolhedor estudantes com deficiência em minha sala de aula.
Item 18. Se trabalhasse em uma escola ou organização inacessível a estudantes com deficiência, alertaria os gestores.
Item 19. Evito trabalhar com estudantes com deficiência sempre que possível.
Item 20. Busco ativamente auxiliar os meus estudantes com deficiência.
Item 21. Quando estou muito ocupado com outros estudantes, não quero dispor de tempo providenciando adaptações especiais para meus estudantes com deficiência.

Fonte: elaborado pelas autoras, adaptado de Freer (2018).

### 3.2.2 Análise da confiabilidade e validade de constructo do instrumento

Na análise da confiabilidade do instrumento, o valor do alfa de Cronbach global foi de 0,891, indicando uma boa consistência interna do instrumento. Também foi calculado o valor do alfa ao excluir um item de cada vez. Se, ao excluir um item, o alfa aumentar, é indicativo de problema com o item. Como resultado, foi observado que ao excluir os itens 2, 3 e 18, o valor do alfa aumenta (valores entre 0,892 e 0,893). No entanto, a diferença é pequena em relação ao valor global. O ômega de McDonald apresentou valor global de 0,948, indicando boa confiabilidade. Ao avaliar o impacto no ômega quando excluído um item de cada vez, observou-se que os resultados melhoram quando o item 2 é excluído (ômega=0,950).

A análise conjunta dos coeficientes foi consistente em evidenciar problemas principalmente com o item 2, que trazia a seguinte redação: “A educação escolar dos estudantes com deficiência os ajuda a atingir seu máximo potencial”. Esse item pode ter sido interpretado de forma diferente entre os professores, ou ainda, a falta de qualidade do item pode estar relacionada à expressão “máximo potencial”. Para esse item, seria necessária uma reformulação da redação, de forma que os respondentes tenham o mesmo entendimento e avaliem se a “educação escolar desses estudantes contribui para o seu desenvolvimento”.

A análise das evidências de validade de constructo do instrumento foi conduzida usando a análise fatorial. O cálculo da medida de adequação da amostra resultou em um valor igual a 0,77, indicando que a amostra é adequada para a aplicação da análise fatorial. Seguindo o procedimento da análise paralela, observou-se que ao considerar quatro fatores ou mais, os resultados das raízes latentes dos dados reais se aproximam significativamente dos autovalores obtidos aleatoriamente. Diante disso, uma solução fatorial de três fatores foi considerada.

Ao realizar a análise fatorial, o item 2 não apresentou carga fatorial significativa em nenhum dos fatores. Como esse item havia apresentado indicativo de problema na análise de confiabilidade, optou-se por eliminá-lo.

Os resultados da análise fatorial são apresentados na Tabela 1. As cargas fatoriais representam a contribuição de cada item para a formação de cada fator. Para o tamanho

da amostra em questão, cargas fatoriais superiores a 0,30 são consideradas significativas (Hair *et al.* 2009, p. 120). Assim, foram destacadas as cargas significativas, selecionando-se o valor mais alto caso um item apresente mais de um fator acima deste limite.

Tabela 1 – Cargas fatoriais dos itens em cada um dos itens extraídos

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Item 1	<b>0,427</b>	-0,074	0,367
Item 3	<b>0,719</b>	-0,005	-0,152
Item 4	<b>0,794</b>	-0,177	0,156
Item 5	-0,100	0,082	<b>0,825</b>
Item 6	<b>0,645</b>	-0,013	0,264
Item 7	0,115	0,032	<b>0,796</b>
Item 8	0,080	<b>0,938</b>	0,021
Item 9	0,122	<b>0,535</b>	0,280
Item 10	0,25	<b>0,517</b>	0,059
Item 11	<b>0,551</b>	0,059	-0,001
Item 12	<b>0,943</b>	0,094	-0,113
Item 13	0,146	<b>0,738</b>	-0,059
Item 14	<b>0,604</b>	0,234	0,024
Item 15	<b>0,733</b>	0,075	0,112
Item 16	0,393	0,099	<b>0,495</b>
Item 17	<b>0,810</b>	0,058	0,014
Item 18	<b>0,631</b>	-0,024	0,074
Item 19	0,279	<b>0,510</b>	0,186
Item 20	<b>0,622</b>	0,160	0,164
Item 21	0,140	0,332	<b>0,508</b>

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O Fator 1 é composto pelos itens 1, 3, 4, 6, 11, 12, 14, 15, 17, 18 e 20. Esse fator reuniu questões relacionadas a "Percepções e atitudes dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência". As percepções baseiam-se na maneira como os professores acreditam que o ensino desses estudantes deve ser, enquanto as atitudes refletem a forma como eles interagem e facilitam o ensino e a aprendizagem.

O Fator 2 é composto pelos itens 8, 9, 10, 13 e 19. Esse fator agregou itens relacionados aos "Sentimentos experienciados pelos(as) professores(as) em relação ao



ensino de estudantes com deficiência”; os itens investigavam sentimentos como incômodo, apreensão e desconforto ao lidar com o público da educação especial.

O Fator 3 é composto pelos itens 5, 7, 16 e 21. Esses itens estão relacionados ao “Tempo e recursos dedicados ao ensino de estudantes com deficiência” e buscam investigar como o(as) profissionais percebem o tempo e os recursos adicionais que são necessários para o ensino desse grupo de estudantes.

Essa etapa da análise possibilitou verificar quais são os constructos principais relacionados ao capacitismo que o instrumento permite avaliar. A seguir, as respostas dos professores em cada um dos itens são descritas e discutidas.

### 3.2.3 Análise descritiva das respostas dos professores

As perguntas iniciais buscaram traçar o perfil desses profissionais. Os professores foram questionados quanto ao gênero, faixa etária e cargo que ocupam na RMF. Cerca de 83% dos profissionais se reconhecem como sendo do “sexo feminino”, 15% do “sexo masculino” e 2% responderam a opção “prefiro não declarar”. Com relação à faixa etária, o maior grupo se concentra entre 36 e 45 anos, correspondendo a cerca de 41% dos profissionais, seguido do grupo com 46 anos ou mais (36%) e 35 anos ou menos (23%).

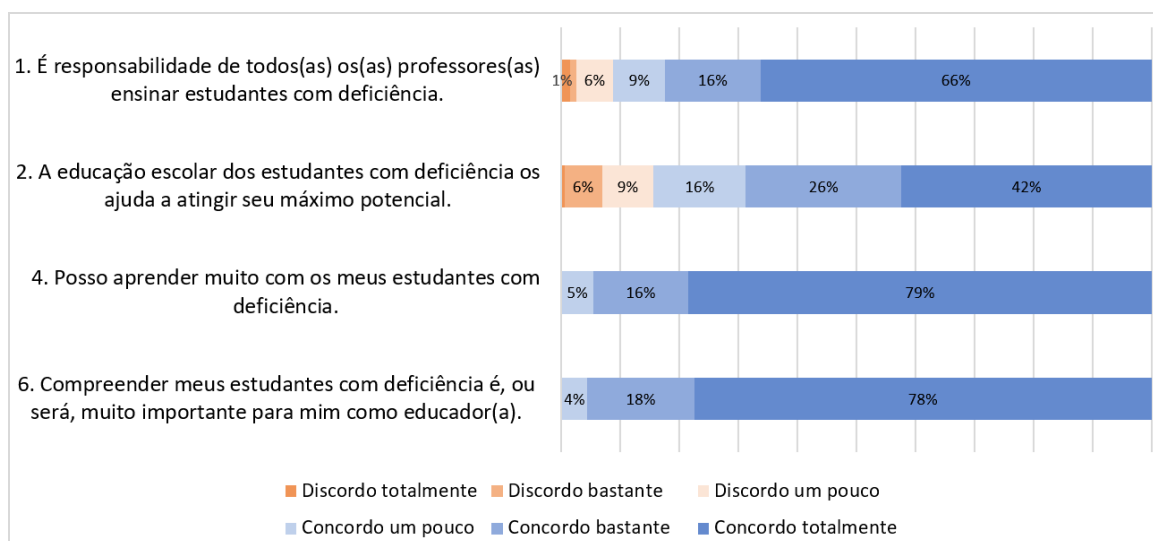
Quanto ao cargo ocupado, 24% dos entrevistados são professores de áreas e 19% são professores dos anos iniciais. Professores auxiliares de ensino correspondem a 14% dos respondentes, e professores auxiliares de tecnologia ou de ciências, a 5%. Os demais 38% incluem professores auxiliares de educação especial, intérpretes de língua de sinais e aqueles que possuem uma das formações anteriores, mas que, no momento, desempenham outra função nas unidades educativas, como diretores.

Para a análise das respostas dadas aos 21 itens do instrumento, optou-se por apresentar os resultados agrupando os itens de acordo com as dimensões identificadas na análise fatorial. As Figuras 1 e 2 apresentam as respostas aos itens do Fator 1. Enquanto a primeira figura sintetiza as respostas dos itens que estão mais associados às percepções dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência, a segunda sintetiza os itens mais relacionados à forma como os profissionais interagem e facilitam o ensino e a aprendizagem.

Quando os profissionais foram questionados se concordam que é responsabilidade de todos os professores ensinar estudantes com deficiência (item 1), a grande maioria (91%) respondeu que concorda total ou parcialmente com essa afirmação, enquanto os demais ainda discordam dessa afirmação em algum grau.

O item 2 está relacionado ao posicionamento dos professores quando exposto que “a educação escolar dos estudantes com deficiência os ajuda a atingir seu máximo potencial”. Cerca de 15% responderam que discordam em algum grau dessa afirmação. As demais respostas foram positivas, sendo que um percentual elevado (42%) de professores concorda totalmente com a afirmação. Todavia, considerando as contribuições das especialistas e os resultados da análise de confiabilidade e validade, os resultados deste item devem ser interpretados com cautela, pois o item pode ter sido entendido de forma diferente entre os professores e a expressão “máximo potencial” pode ter gerado dúvidas sobre como esse potencial seria atingido ou medido.

Figura 1 – Percepções dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O item 4 investiga se os professores acreditam que podem aprender com seus estudantes com deficiência. As respostas foram bastante positivas, sendo que 79% dos respondentes afirmam concordar totalmente com a afirmação, e os demais (21%)

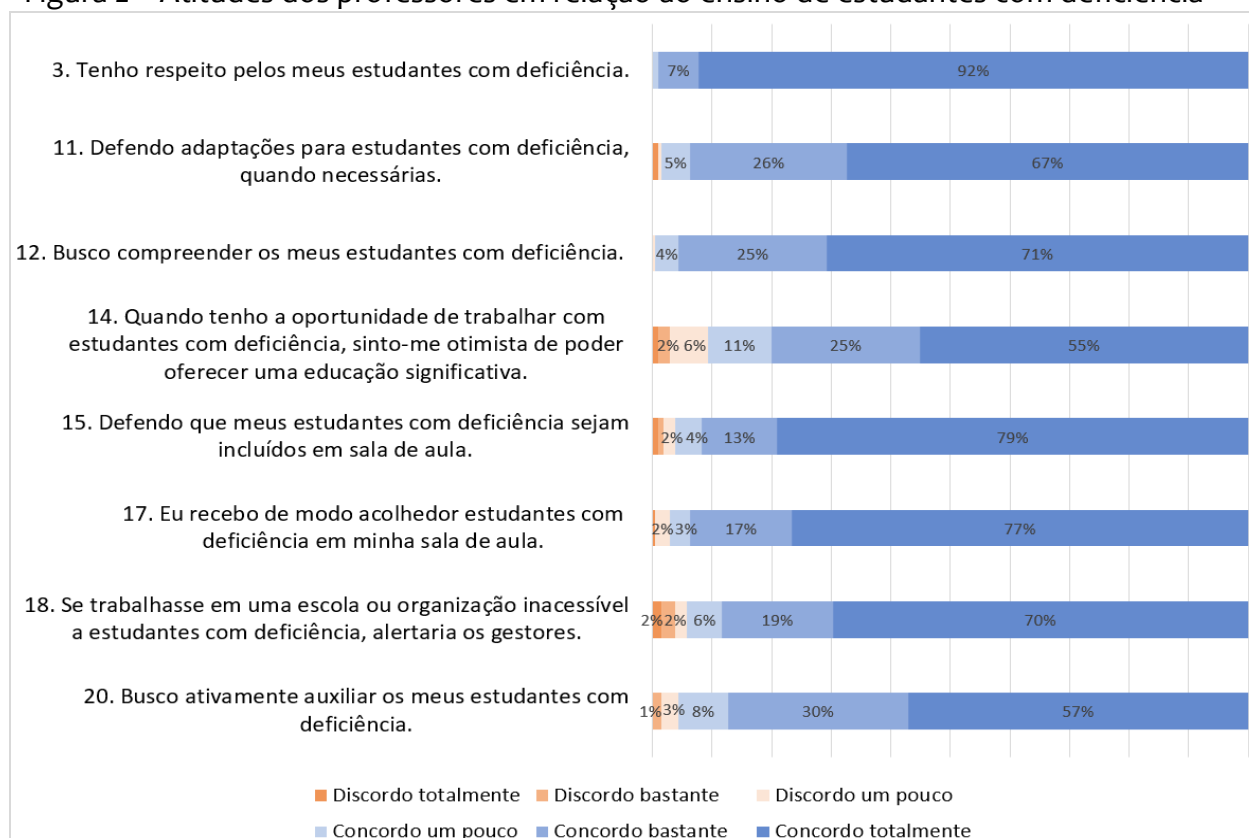
concordam bastante ou um pouco. Nenhuma resposta foi dada no sentido de não acreditar ser possível aprender com esses estudantes.

O item 6 aborda a questão de quão importante é compreender os estudantes com deficiência. Assim como no item 4, não houve nenhuma resposta totalmente negativa, sendo que 4% dos profissionais concordam um pouco com essa afirmativa, 18% concordam bastante e 78% concordam totalmente que compreender estudantes com deficiência é muito importante para o seu trabalho como educador.

As percepções dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência refletem os princípios da Lei Brasileira de Inclusão - LBI (Brasil, 2015), ao reconhecer a educação dos mesmos como responsabilidade coletiva. Segundo Scior *et al.* (2010), o aprendizado é uma via de mão dupla, o que reforça a importância de os professores valorizarem tanto a possibilidade de aprender com os estudantes quanto a de compreendê-los em suas singularidades.

O item 3 analisa se os professores respeitam seus estudantes com deficiência. Observa-se, na Figura 2, que nenhum profissional respondeu negativamente. A grande maioria (92%) diz concordar totalmente que possui respeito pelos estudantes com deficiência. Ainda assim, é importante notar que 8% expressam concordância parcial, o que pode indicar a possibilidade de episódios ocasionais de desrespeito em relação a esses estudantes.

Figura 2 – Atitudes dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Defender adaptações para estudantes com deficiência quando necessárias foi o assunto abordado no item 11. Cerca de 2% dos entrevistados discordam um pouco, com predominância de 98% daqueles que concordam bastante ou totalmente. O item 12 avaliou se os professores buscam compreender seus estudantes com deficiência. Compreender esses estudantes possibilita visualizar suas peculiaridades, perceber suas necessidades e antecipar ações para dar-lhes vez e voz, de modo que possam desenvolver sua autonomia e exercer seus direitos. Essa questão mostrou respostas bastante positivas, com 99,5% dos respondentes concordando em algum grau com essa afirmação, sendo que 71% dos profissionais concordam totalmente.

O item 14 avalia o otimismo dos professores em oferecer uma educação significativa aos estudantes com deficiência. Dos profissionais, 55% concordam totalmente com essa visão, enquanto 36% demonstram concordância moderada. Apenas 9% dos respondentes expressaram algum grau de discordância em relação a esse otimismo.

Quando questionados se defendem que estudantes com deficiência sejam incluídos em sala (item 15), apenas 4% responderam negativamente. Entre os 96% que concordam em algum grau com a afirmação, 17% expressaram concordância parcial, sugerindo que, mesmo nesse grupo, pode haver professores que ainda não apoiam totalmente essa política inclusiva.

O item 17 examina se os profissionais recebem de modo acolhedor os estudantes com deficiência. As respostas também foram predominantemente positivas, com 94% dos profissionais declarando receber de modo totalmente ou bastante acolhedor esses estudantes em sua sala de aula. Entre os demais, 3% responderam que concordam “um pouco” e 3% discordam em algum nível dessa afirmação. Alertar os gestores sobre as adequações necessárias para tornar os espaços acessíveis aos estudantes com deficiência é uma ação fundamental na luta anticapacitista, pois está atrelado à eliminação de barreiras que impedem esses estudantes de exercer o seu direito de ir e vir em condições de igualdade com os demais. Referente a essa temática, que foi abordada no item 18, os 70% concordam totalmente com a afirmação, 19% concordam bastante e 6% concordam um pouco. Os demais 5% discordam em algum nível, em outras palavras, não estariam dispostos a alertar sobre essa possível demanda.

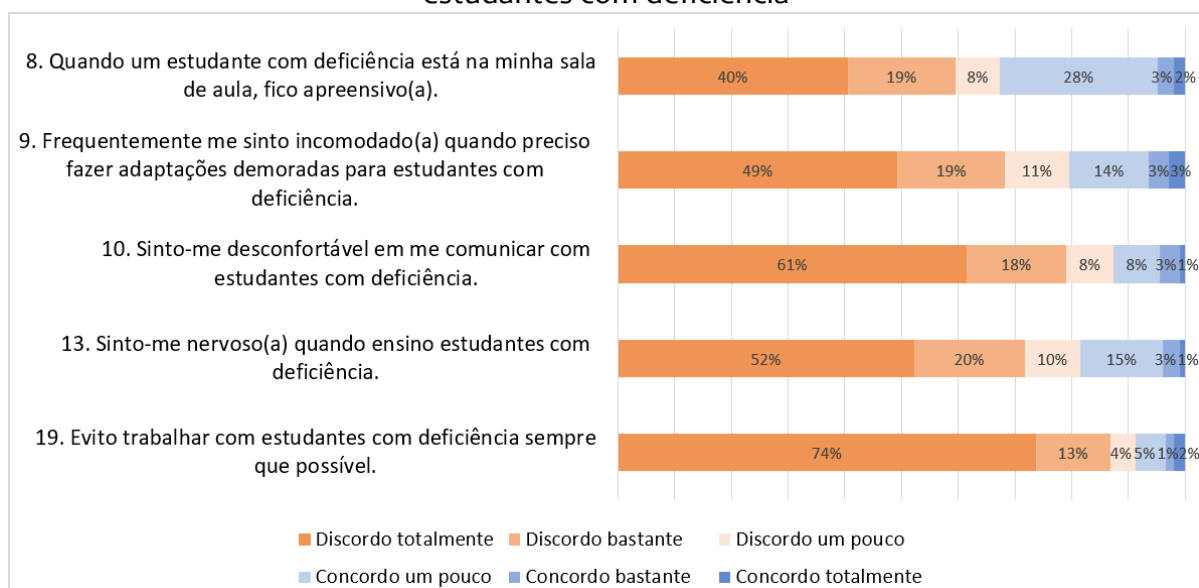
O item 20 analisa a disposição dos professores em ajudar ativamente estudantes com deficiência. Nesse contexto, 57% concordam totalmente, 30% concordam bastante e 8% concordam um pouco. Apenas 5% discordam bastante ou um pouco, e nenhum respondente se posicionou totalmente contrário. É fundamental evidenciar que, em uma escola inclusiva, a mesma disposição dada aos demais estudantes é esperada para os estudantes com deficiência.

A análise das atitudes dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência indica, de modo geral, um posicionamento positivo, evidenciado pelo respeito, acolhimento, realização das adaptações necessárias e defesa da inclusão, conforme previsto na LBI (Brasil, 2015) e discutido por Freer (2018), que relaciona atitudes favoráveis a práticas mais inclusivas. Apesar de predominar essa postura positiva, alguns itens revelam atitudes capacitistas ou dificuldades na implementação prática da inclusão. A preocupação dos docentes em alertar gestores sobre ajustes necessários demonstra consciência sobre a eliminação de barreiras físicas e pedagógicas, reforçando que a

inclusão depende de um esforço coletivo e que o papel do professor vai além do espaço da sala de aula.

As respostas aos cinco itens que compõem o Fator 2 são apresentadas na Figura 3. Esses itens estão associados aos sentimentos experienciados pelos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência.

Figura 3 – Sentimentos experienciados pelo professor em relação ao ensino de estudantes com deficiência



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O item 8 investiga a apreensão que o professor apresenta ao ficar no mesmo ambiente com um estudante com deficiência. Observou-se que 40% desses profissionais se sentem totalmente à vontade com esses estudantes em sua sala, outros 27% responderam que ficam bastante ou pelo menos um pouco à vontade. Por outro lado, um percentual expressivo de 33% ainda alega sentir certa apreensão ao partilhar o espaço com estudantes com deficiência.

No item 9, os profissionais foram questionados se se sentem incomodados ao realizar adaptações demoradas para estudantes com deficiência. A maioria, 68%, indicou que discorda bastante ou totalmente dessa ideia, enquanto 11% afirmaram discordar um pouco, refletindo paciência e flexibilidade ao lidar com essas situações. No entanto, 20% dos respondentes expressaram algum grau de incômodo em dedicar tempo para essas adaptações.

A questão 10 investiga o desconforto dos profissionais ao se comunicar com estudantes com deficiência. A maioria (87%) discordou totalmente ou parcialmente dessa afirmação. Cerca de 13% dos respondentes relataram total ou parcial desconforto.

A questão 13 aborda o nervosismo apresentado pelos professores ao ensinar estudantes com deficiência. Observou-se que 52% dos professores discordam totalmente dessa afirmação, 20% discordam bastante e 10% discordam um pouco, o que sugere que não se sentem totalmente confortáveis. Além disso, 18% dos profissionais que concordaram com a afirmação demonstraram algum grau de nervosismo ao ensinar esse público.

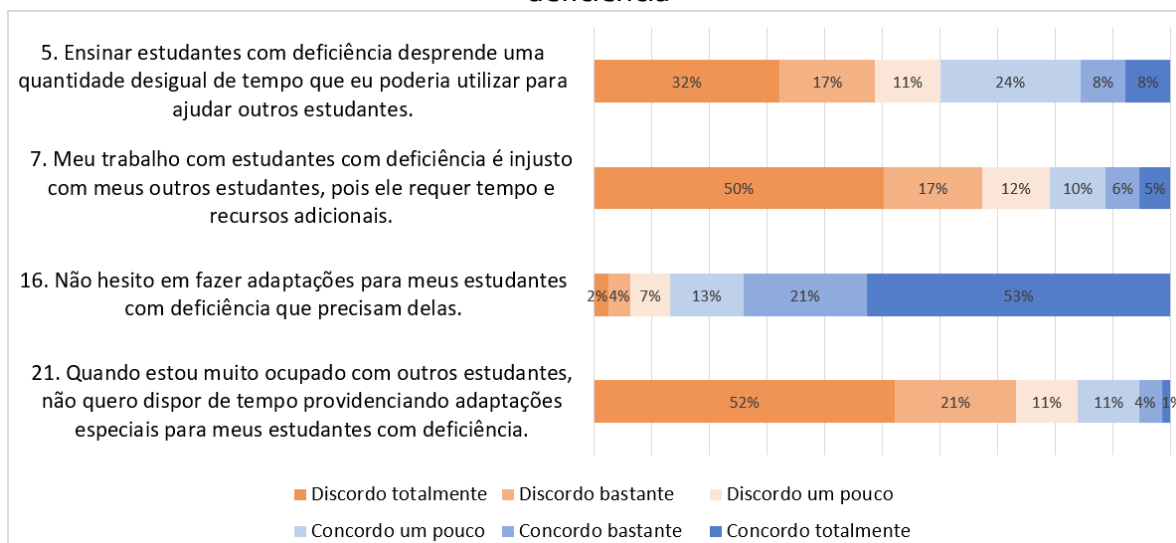
O item 19 analisa se os professores evitam trabalhar em uma sala de aula com estudantes com deficiência. Ao somar as respostas que disseram evitar em algum grau, obtemos um total de 9%. Além disso, é importante notar que 17% dos profissionais que discordam parcialmente da afirmação também demonstram certa relutância em receber esses estudantes. Por outro lado, 74% dos professores discordam completamente, afirmando que não evitam trabalhar em sala de aula com estudantes com deficiência.

As respostas referentes aos itens do Fator 2 evidenciam que uma parcela significativa dos professores experimenta nervosismo, desconforto ou incômodo ao atuar em salas de aula com estudantes da educação especial. Conforme apontam Navarro et al. (2019) e Freer (2018), essas atitudes podem comprometer a efetividade da inclusão e reduzir as oportunidades de aprendizagem, representando uma forma sutil de capacitismo.

A Figura 4 detalha as respostas obtidas nos itens do Fator 3, que investigam a relação com o tempo que os professores dedicam aos estudantes com deficiência e os recursos necessários para a implementação do ensino.



Figura 4 – Equidade no tempo e nos recursos dedicados ao ensino de estudantes com deficiência



Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

O item 5 analisa se os professores acreditam que estudantes com deficiência demandam uma quantidade desigual de tempo que poderia ser dedicada a outros estudantes. 16% dos profissionais concordam totalmente ou bastante, e 24% concordam um pouco. Por outro lado, 60% discordam em algum grau. Esses dados mostram que a opinião dos profissionais está dividida, com uma parte significativa percebendo os estudantes com deficiência como um ônus, em vez de uma oportunidade de enriquecer a experiência de aprendizagem de todos.

O item 7 questiona se os professores acreditam que o tempo e os recursos disponibilizados aos estudantes com deficiência são injustos com os demais estudantes, e teve 50% dos entrevistados discordando totalmente, 29% discordando bastante ou um pouco e 21% concordando em algum grau. Levando em consideração que o objetivo é conquistar uma escola inclusiva, os planejamentos e os recursos devem ser pensados de forma que todos os estudantes possam se beneficiar, com as estratégias que possibilitam que todos sejam contemplados.

O item 16 investiga se os professores não hesitam em adaptar suas aulas para estudantes com deficiência que precisam de ajustes. A maioria das respostas foi positiva, com 53% dos participantes concordando totalmente, evidenciando que não hesitam em fazer as adaptações necessárias. Outros 34% também concordaram, embora em menor

grau. Por outro lado, 13% dos professores relataram alguma hesitação em realizar essas adaptações.

A questão 21 analisa se os professores se dispõem a parar as atividades que estão desenvolvendo com os demais estudantes para providenciar adaptações para os estudantes com deficiência. Apenas 52% desses profissionais se posicionaram totalmente dispostos a isso, e 32% se declararam bastante ou um pouco dispostos. Por outro lado, 16% indicaram não querer parar as atividades que estão desenvolvendo para atender essa demanda.

A análise sobre o uso do tempo e dos recursos destinados ao ensino de estudantes com deficiência, abordados no Fator 3, evidencia posições divergentes entre os profissionais, já que alguns ainda veem nesses estudantes um desafio, enquanto outros os reconhecem como uma possibilidade de enriquecer a aprendizagem de todos. Essa percepção se relaciona com a necessidade de repensar o papel da escola na perspectiva da inclusão. Como destaca Mantoan (2006, p. 16), “incluir é reconhecer a pluralidade de modos de ser e de aprender e reorganizar a escola para acolher todos os estudantes com os apoios necessários”. Nesse sentido, o planejamento pedagógico inclusivo deve levar em conta as necessidades singulares de cada estudante e organizar o tempo e os recursos de forma a favorecer a todos.

De modo geral, os resultados da pesquisa indicam que, apesar do reconhecimento da importância da inclusão escolar e de respeitar a diversidade, ainda persistem manifestações capacitistas, expressas sobretudo no nervosismo ou no desconforto em compartilhar o espaço e na resistência em dedicar tempo ao planejamento de atividades adaptadas aos estudantes com deficiência. A preocupação de que tal dedicação represente prejuízo aos demais estudantes revela tensões no cotidiano escolar e evidencia a necessidade de maior apoio institucional e formativo. Ao mesmo tempo, os resultados apontam que práticas inclusivas podem beneficiar não apenas os estudantes da educação especial, mas também enriquecer a experiência de aprendizagem coletiva.

Ao relacionar esses achados com o estudo de Freer e Kaefer (2021), que aplicou a Escala de Atitudes dos Educadores em Relação à Deficiência para analisar as percepções de educadores do ensino superior em Ontário, observa-se que, de forma geral, os autores

encontraram atitudes bastante positivas em relação à deficiência, sendo a resistência e o desconforto dos professores em relação ao ensino de estudantes com deficiência pouco frequentes nesse contexto. Ainda assim, os autores destacam a necessidade de ampliação de oportunidades de formação e de contato com estudantes com deficiência, o que pode ser um caminho para fortalecer práticas pedagógicas mais inclusivas. Além disso, demonstraram que a frequência de contato com estudantes com deficiência estava associada a atitudes mais favoráveis, reforçando a relevância da experiência profissional direta como fator de mudança.

#### 4 Considerações finais

Uma escola inclusiva, embasada no princípio da promoção da igualdade de oportunidades e na valorização das diferenças, ainda enfrenta o desafio apresentado pelas atitudes capacitistas presentes em nossa sociedade. Essas atitudes, carregadas de preconceitos e estereótipos, se constituem em obstáculos à plena realização da inclusão escolar. O presente estudo partiu da questão central de compreender em que medida essas atitudes se manifestam entre professores da Rede Municipal de Florianópolis. Para responder a essa questão, foi aplicado e validado um instrumento junto aos professores, possibilitando captar e analisar diferentes dimensões desse fenômeno. Assim, considera-se que o objetivo central da pesquisa foi alcançado, pois foi possível analisar a manifestação de atitudes capacitistas em relação aos alunos com deficiência no contexto da rede e, ao mesmo tempo, evidenciar aspectos que favorecem práticas inclusivas.

Os resultados reafirmam a justificativa inicial do estudo, uma vez que reforçam a relevância de compreender como as posturas docentes podem impactar a efetivação da inclusão escolar e, ao mesmo tempo, podem subsidiar políticas de formação e estratégias pedagógicas voltadas à superação das barreiras atitudinais.

A avaliação da consistência interna do instrumento aplicado evidenciou boa confiabilidade; apenas um dos itens apresentou problema, sugerindo a necessidade da remoção ou adaptação de sua redação numa futura aplicação do instrumento. A avaliação das evidências de validade do constructo, realizada por meio da análise de fatorial, mostrou que o instrumento possibilita avaliar três constructos principais: as

percepções e atitudes em relação aos estudantes com deficiência; os sentimentos experienciados por esses profissionais quando estão em contato com os estudantes; e a percepção desses profissionais em relação ao tempo e recursos utilizados na preparação e aplicação das atividades para esses estudantes.

Ao analisar as respostas aos itens do instrumento, verificou-se que a grande maioria dos profissionais acredita que é responsabilidade de todos os professores ensinar estudantes com deficiência. Eles também destacam a importância de respeitar, compreender, acolher e aprender com esses estudantes. No entanto, a porcentagem dos que se sentem otimistas em relação à aprendizagem desses estudantes é baixa. O reconhecimento das capacidades desses estudantes é fundamental para a efetividade do processo de ensino-aprendizagem.

O estudo também destaca desafios importantes em relação ao sentimento experienciado por muitos professores ao trabalhar com o público da educação especial. Uma grande parte dos profissionais ainda apresenta desconforto e apreensão em compartilhar o espaço com esses estudantes, preferindo evitar turmas com estudantes com deficiência. O tempo necessário para preparar e aplicar atividades adaptadas gerou opiniões divergentes, levando uma parcela dos participantes a expressarem preocupações, especialmente ao considerarem que esse tempo poderia ser destinado aos demais estudantes. É notável que ainda consideram a dedicação a esses estudantes como um desperdício de tempo. No entanto, planejar atividades inclusivas não apenas beneficia os estudantes da educação especial, mas também enriquece o aprendizado do grupo como um todo.

De modo geral, pode-se concluir que, embora muitos professores reconheçam a importância da inclusão, ainda persistem atitudes capacitistas na RMF em relação aos estudantes com deficiência. Essa constatação é evidente na resistência ou desconforto que parte dos profissionais ainda demonstra ao trabalhar com esses estudantes. Os dados apontam para a importância de intensificar a conscientização de todos os profissionais da escola por meio de formação, visando promover o respeito, acolhimento e reconhecimento do potencial desses estudantes, a fim de garantir uma educação verdadeiramente inclusiva.

Para trabalhos futuros, sugere-se que essa análise seja estendida para a educação infantil, após ser devidamente ajustada para a linguagem adequada, respeitando as singularidades do público em questão. Demais instituições de natureza privada, estadual ou federal, também podem se beneficiar desse instrumento para estudos próprios.

## Referências

AKRAMI, Nazar; EKEHAMMAR, Bo; CLAESSION, Malin; SONNANDER, Karin. Classical and modern prejudice: Attitudes toward people with intellectual disabilities. **Research in Developmental Disabilities**, v. 27, n. 6, p. 605–617, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ridd.2005.07.003>>. Acesso em: 16 out. 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 24 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2022**. Brasília, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/areas\\_de\\_atuacao/notas\\_estatisticas\\_censo\\_da\\_educacao\\_basica\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2022.pdf). Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, DF, 07 jul. 2015. Seção 1, p. 2.

CAMPO-ARIAS, Adalberto; OVIEDO, Heidi C. Propiedades Psicométricas de una Escala: la Consistencia Interna. **Revista de Salud Pública**, v. 10, n. 5, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0124-00642008000500015>>. Acesso em: 05 mar. 2023.

DAMIANIDOU, Eleni; PHTIAKA, Helen. Implementing inclusion in disabling settings: the role of teachers' attitudes and practices. **International Journal of Inclusive Education**, v.

22, n. 10, p. 1078–1092, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13603116.2017.1415381>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

DUARTE, Emerson Rodrigues; RAFAEL, Carla Beatriz da Silva; FILGUEIRAS, Juliana Fernandes; NEVES, Clara Mockdece; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Estudo de caso sobre a inclusão de alunos com deficiência no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, n. 2, p. 289–300, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1413-65382013000200011>>. Acesso em: 11 mai. 2023.

FREER, John.; KAEFER, Tanya. Experiences Matter: Educators’ Attitudes toward Disability in Higher Education. **Canadian Journal of Higher Education**, v. 51, n. 4, p. 55–66, 2021. Disponível em: <<https://journals.sfu.ca/cjhe/index.php/cjhe/article/view/189093/186509>>. Acesso em: 10 set. 2025.

FREER, John. The Educators’ Attitudes Toward Disability Scale (EADS): a pilot study. **International Journal of Disability Development and Education**, p. 1-18, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/1034912x.2018.1426098>>. Acesso em: 15 set. 2022.

FRIEDMAN, Carli. Aversive ableism: Modern prejudice towards disabled people. **Review of Disability Studies: An International Journal**, v. 14, n. 4, 2018. Disponível em: <<https://rdsjournal.org/index.php/journal/article/view/811>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FRIEDMAN, Carli; AWSUMB, Jessica M. The symbolic ableism scale. **Review of Disability Studies: An International Journal**, v. 15, n. 1, n. p., 2019. Disponível em: <<https://www.rdsjournal.org/index.php/journal/article/view/814>>. Acesso em: 5 set. 2022.

FUENTES, Virginia; PÉREZ-PADILLA, Javier; DE LA FUENTE, Yolanda; ARANDA, María. Creation and validation of the Questionnaire on Attitudes towards Disability in Higher Education (QAD-HE) in Latin America. **Higher Education Research & Development**, v. 41, n. 5, p. 1514–1527, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/07294360.2021.1927997>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

HAIR JR., Joseph F.; BLACK, William C.; BABIN, Barry J.; ANDERSON, Rolph E.; TATHAM, Ronald L. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HAIR JR., Joseph F.; GABRIEL, Marcelo L. D. S.; SILVA, Dirceu da; BRAGA JUNIOR., Sergio. Development and validation of attitudes measurement scales: fundamental and practical aspects. **RAUSP Management Journal**, v. 54, n. 4, p. 490-507, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/rausp-05-2019-0098>>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ISON, Nicole; McINTYRE, Sarah; ROTHERY, Sophie; SMITHERS-SHEEDY, Hayley; GOLDSMITH, Shona; PARSONAGE, Samantha; FOY, Liz. “Just like you”: A disability awareness programme for children that enhanced knowledge, attitudes and acceptance: Pilot study findings. **Developmental Neurorehabilitation**, v. 13, n. 5, p. 360-368, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.3109/17518423.2010.496764>>. Acesso em: 11 jan. 2023.



KEITH, Jessica M.; BENNETTO, Loisa; ROGGE, Ronald D. The relationship between contact and attitudes: Reducing prejudice toward individuals with intellectual and developmental disabilities. **Research in Developmental Disabilities**, v. 47, p. 14-26, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ridd.2015.07.032>>. Acesso em: 26 out. 2021.

KOVAČEVIĆ, Jasmina; RADOVANOVIC, Vesna. Social Distance Towards Students with Disabilities in Inclusive Education. **International Journal of Disability Development and Education**, v. 70, n. 1, p. 106-119, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/1034912x.2020.1856349>>. Acesso em: 3 jul. 2022.

KRISCHLER, Mireille; CATE, Inek M. Pit-Ten. Inclusive education in Luxembourg: implicit and explicit attitudes toward inclusion and students with special educational needs. **International Journal of Inclusive Education**, v. 24, n. 6, p. 597-615, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13603116.2018.1474954>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

LEDESMA, Rúben Daniel; VALERO-MORA, Pedro. Determining the Number of Factors to Retain in EFA: An easy-to-use computer program for carrying out Parallel Analysis. **Practical Assessment, Research & Evaluation**, v. 12, n. 2, p. 1-11, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.7275/wjnc-nm63>>. Acesso em: 4 dez. 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MARCONE, Roberto; CAPUTO, Anna; ESPOSITO, S.; SENESE, Vincenzo Paolo. Prejudices towards people with intellectual disabilities: reliability and validity of the Italian Modern and Classical Prejudices Scale. **Journal of Intellectual Disability Research**, v. 63, n. 8, p. 911-916, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/jir.12590>>. Acesso em: 19 set. 2022.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

NAVARRO-MATEU, Diego; FRANCO-OCHOA, Jaqueline; VALERO-MORENO, Seleno; PRADO-GASCÓ, Vicente. To be or not to be an inclusive teacher: Are empathy and social dominance relevant factors to positive attitudes towards inclusive education? **PLoS ONE**, v. 14, n. 12, p. e0225993, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0225993>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

PALAD, Yves Y.; BARQUIA, Rensyl B.; DOMINGO, Harvey C.; FLORES, Clinton K.; PADILLA, Levin I.; RAMEL, Jonas Mikko D. Scoping review of instruments measuring attitudes toward disability. **Disability and Health Journal**, v. 9, n. 3, p. 354-374, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2016.01.008>>. Acesso em: 3 dez. 2022.

PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes. **Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS**. 5. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.



PINHEIRO, Weider Silva; VALENTE, Evelyn Aida Tonioli. O papel do educador na inclusão de estudantes com deficiência: percepções e desafios no ambiente escolar. **Revista Delos**, v. 17, n. 60, p. e2361, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.55905/rdelosv17.n60-120>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

SCIOR, Katrina; KAN, Ka-Ying; McLOUGHLIN, Anna; SHERIDAN, Joel. Public Attitudes toward People with Intellectual Disabilities: A Cross-Cultural Study. **Intellectual and Developmental Disabilities**, v. 48, n. 4, p. 278-289, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1352/1934-9556-48.4.278>>. Acesso em: 8 set. 2021.

THOMAS, Rhian; ROSE, John. School inclusion and attitudes toward people with an intellectual disability. **Journal of Policy and Practice in Intellectual Disabilities**, v. 17, n. 2, p. 116–122, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/jppi.12322>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Recebido em: 21/03/2025  
Revisões requeridas: 28/08/2025  
Aprovado em: 30/09/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 26 - Número 62 - Ano 2025  
[revistalinhas.faed@udesc.br](mailto:revistalinhas.faed@udesc.br)